

# Introdução à esquizoanálise n’*O Anti-Édipo*: as três tarefas

Amanda Barbosa Soczek

Universidade Federal do Paraná

<https://orcid.org/0000-0002-1645-8273>

amandabsoczek@gmail.com

**Resumo:** A esquizoanálise teve sua primeira aparição n’*O Anti Édipo* (1972), onde recebeu uma introdução no quarto e último capítulo da obra. Com a esquizoanálise, tratou-se, primeiramente, de uma proposta, de uma verdadeira aposta: Deleuze e Guattari perseguiam uma prática de uma psicanálise política, que pretendia recolocar os problemas do desejo e do inconsciente como indissociáveis da produção social. A esquizoanálise, contra as neuroses, perversões e paranóias edípianas da psicanálise e do capitalismo, pretendia esquizofrenizar o campo do inconsciente e o campo do social, ou então, fazer fluir o processo das máquinas desejantes que os compõem. Neste artigo, após um breve recorte biográfico dos percursos da esquizoanálise, serão introduzidas as suas três tarefas (uma tarefa negativa e duas tarefas positivas) presentes no último capítulo da obra intitulado “Introdução à Esquizoanálise”.

**Palavras-chave:** Esquizoanálise; Psicanálise; Máquinas; Desejo; Política

**Abstract:** Schizoanalysis had its first appearance in *Anti-Oedipus* (1972), where it received an introduction in the fourth and last chapter of the book. Schizoanalysis happens to be more like a proposal, a genuine bet: Deleuze and Guattari pursued a practice of a political psychoanalysis, in which the

problems of desire and unconscious were reconsidered as being inseparable from social production. Schizoanalysis, against the oedipal neurosis, perversions, and paranoia brought up by psychoanalysis and capitalism, seeks to let the unconscious and social fields become schizophrenic, or then, to make the processes of desiring machines that compose them keep flowing. In this article, there will be introduced the three tasks of schizoanalysis (one is a negative task and the other two are positive tasks) as it were introduced in the fourth chapter of the book named “Introduction to Schizoanalysis”.

**Keywords:** Schizoanalysis; Psychoanalysis; Machines; Desire; Politics.

---

## INTRODUÇÃO

O *Anti-Édipo* e a esquizoanálise emergiram a partir das imbricações e bifurcações que decorreram de um encontro e de um acontecimento: Félix Guattari, o psicanalista, encontrou Gilles Deleuze, o filósofo, em um período turbulento marcado pelo acontecimento<sup>1</sup> de maio de 68, na França. François Dosse (2010), em *Gilles Deleuze & Félix Guattari: Biografias Cruzadas*, procurou resgatar os antecedentes e as consequências desse encontro: antes de conhecer Deleuze, Guattari já praticava uma análise institucional da psiquiatria que funcionava dentro e fora da clínica de La Borde. As análises eram majoritariamente grupais e a prática proposta era a de uma co-gestão não centralizada, onde pacientes, enfermeiros, médicos e analistas revezavam suas tarefas. Guattari também era engajado em movimentos políticos e inspirava-se na criação de outros modos de produção de subjetividades que escapasse ao modo de produção capitalista; adentrou em espaços distintos, atuando em revistas, rádios livres, partidos e coletivos sociais. Ao mesmo tempo que foi um assíduo aluno de Lacan, Guattari criticava o “lacanismo” e procurava

---

<sup>1</sup> Ver: Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. Maio de 68 não ocorreu. Trad. Maria de Toledo Barbosa. **Trágica: estudos de filosofia da imanência**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, pp.119-121, 2015.

expandir os horizontes clínicos em direção a uma abertura para o exterior, para os sentidos de uma vida coletiva, que acabasse com a patologização violenta dos corpos, com a hierarquia presente nos hospitais psiquiátricos e com os dogmatismos na psicanálise. Já Deleuze apareceu nesse contexto após ter trabalhado com alguns temas da psicanálise presentes em textos anteriores como *Diferença e Repetição* (1968) e *Lógica do Sentido* (1969). Interessou-se pelo fervor que encontrou em Guattari e, em 1969, *O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia I* começou a tomar forma através de sessões orais, versões escritas, trocas de cartas e experimentações conceituais. O livro foi publicado em 1972 na França e traduzido no Brasil em 1976.

Atualmente, uma das principais difusoras da esquitoanálise no Brasil é Suely Belinha Rolnik. Psicanalista, escritora e crítica de arte, Suely, enquanto permaneceu exilada na França na década de 70 por conta da ditadura militar, cursou as aulas de Deleuze em Vincennes, fez sessões de análise com Guattari e atuou por um período em La Borde. Retornando ao Brasil, Rolnik organizou palestras, conferências e entrevistas mediando as visitas feitas por Guattari ao país, além de publicar as obras *Micropolítica: cartografias do desejo* em 1986 e *Guattari entrevista Lula* em 1982. No seu artigo *Esquitoanálise e Antropofagia*, Suely Rolnik (1998, p.9) faz alguns apontamentos acerca da recepção da esquitoanálise no Brasil. Ela comenta que, desde o final dos anos 70, a esquitoanálise “só vem proliferando” dentro dos exercícios práticos e teóricos daqueles que recorrem às obras de Deleuze e Guattari. Segundo Rolnik, nunca tratou-se de fundar uma Escola, como tradicionalmente ocorria nos ambientes clínicos, mas sim de apontar para uma espécie de “chamado à dimensão crítica da clínica”, sem unificá-la ou tomá-la como dogma.

Hur e Viana (2016) apontam que a esquitoanálise no Brasil encontra-se principalmente nos estudos teóricos, nos dispositivos de cartografia grupal, nos dispositivos oficinas e no esquizodrama<sup>2</sup>. Para os autores (2016, p.121), a

---

<sup>2</sup> Para maiores detalhes sobre tais práticas esquitoanalíticas consultar o artigo de Hur de Viana (2016).

esquizoanálise é um campo de saberes e práticas transdisciplinares e transversais, presentes em diferentes áreas do conhecimento e que “opera como um repertório teórico, estético, ético e político de análise dos processos desejantes, subjetivos, sociais e políticos envolvidos no processo de intervenção”, seja ela aplicada em práticas grupais, institucionais ou clínicas-individuais.

Por outro lado, a esquizoanálise não deixa de ser frequentemente questionada acerca da sua pragmaticidade e de seu caráter supostamente revolucionário. Na tese *Da ilusão progressista ao conservadorismo idealista: uma crítica materialista histórica da esquizoanálise*, Amanda Callegari (2018) afirma que as conceitualizações feitas pelos autores não passam de meras “falácia progressistas” com uma linguagem propagandística, advindas da decadência ideológica (ou pós-modernismo/irracionalismo) de uma burguesia também decadente, marcada pela reestruturação do capitalismo e do acirramento da luta de classes a partir da década de 70.

Após sua primeira aparição n’O *Anti-Édipo*, após os movimentos “turbulentos” de maio de 68 e sua “calmaria” posterior, a esquizoanálise ganhou outros nomes e passou por novas conceitualizações. Na continuação de *Capitalismo e Esquizofrenia* encontra-se uma espécie de fórmula: “esquizoanálise = rizomática = estratoanálise = pragmática = micropolítica”. No prefácio da edição italiana de *Mil Platôs*, o segundo tomo que sucedeu O *Anti Édipo*, os autores narram como se deu tal transição:

O *Anti-Édipo* obtivera muito sucesso, mas esse sucesso se duplicava em um fracasso mais profundo. Pretendia denunciar as falhas de Édipo, do ‘papai-mamãe’, na psicanálise, na psiquiatria e até mesmo na antipsiquiatria, na crítica literária e na imagem geral que se faz do pensamento. Sonhávamos em acabar com Édipo. Mas era uma tarefa grande demais para nós. A reação contra 68 iria mostrar a que ponto o Édipo familiar passava bem e continua a impor seu regime de choramingo pueril na psicanálise, na literatura e por toda parte do pensamento. De modo que o Édipo continuava a ser nossa ocupação. Ao passo que Mil platôs, apesar de seu fracasso aparente, fazia com que déssemos um passo à frente, ao menos para nós, e

abordássemos terras desconhecidas, virgens de Édipo, que *O Anti-Édipo* tinha apenas visto de longe sem nelas penetrar. (Deleuze; Guattari, 2011, p. 8-9)

Também cabe citar uma entrevista de 1973 feita com Raymond Bellour, escritor e crítico de cinema, onde os autores são questionados acerca da recepção e da grande repercussão da obra. Bellour questiona se o *Anti-Édipo* não funcionaria como uma “válvula de escape” ou se figuraria como um “efeito de modismo” para uma certa camada da população, no que Deleuze responde (e Guattari corrobora):

Todos os nossos leitores favoráveis captaram que isso não valia como um livro. Isso não remetia o leitor às páginas interiores, mas a situações políticas, psiquiátricas, psicanalíticas exteriores. Naquele momento, como Félix acaba de dizer, a questão se torna, por um lado, a parte mais importante: como se desenvolverão essas situações exteriores e que papel podemos desempenhar, acessoriamente; e, por outro lado - a parte menor -, é saber o que faremos na próxima vez, Félix e eu, que não será semelhante ao primeiro tomo. Portanto, nada de válvula de escape. (DELEUZE; LAPOUJADE, 2018, p. 197)

Neste artigo, não se propõe o esgotamento e nem o devido aprofundamento de tais questões. Após este breve percurso acerca das origens esquizoanálise, passamos para uma leitura das três tarefas formuladas no quarto capítulo d’*O Anti-Édipo*. Tarefas que, segundo os autores, *devem necessariamente ser conduzidas ao mesmo tempo*.

## 1. A TAREFA NEGATIVA

Começamos com a tarefa negativa da esquizoanálise que, para Deleuze e Guattari (2011, p.420), deve ser destrutiva e violenta, proceder com a maior rapidez possível, mas que também demanda uma “grande paciência e uma grande prudência”. Os autores denunciam a maneira pela qual a psicanálise

reverteu a *produção* desejante, social e maquinica do inconsciente em *representação* familiar de sujeito privado com o seu interesse no complexo de Édipo. Édipo surgiu com o cruzamento de duas operações: em uma, a produção social repressiva se fez substituir por crenças supostamente autônomas, e em outra, a produção desejante recalada foi substituída por representações supostamente inconscientes. Édipo se encontra no liame entre uma alienação social e uma alienação mental, uma produzida pela máquina capitalista e outra aplicada também pela psicanálise.

Deleuze e Guattari (2011, p. 392) questionam sobre as origens do "privilegio insensato" que a psicanálise conferiu ao mito e à tragédia quando tornou-os meras representações de um inconsciente que "não mais produz, mas se limita em acreditar". Foi preciso familiarizar o mito e a tragédia e, ao mesmo tempo, dar à família uma apresentação mítica e trágica, para que o par da produção - máquinas desejantes e campo social - cedesse lugar a um par representativo e teatral da família e do mito. Com efeito, Deleuze e Guattari (2011) situam a atitude da psicanálise como ambígua, pois ela opera um duplo impasse, rompendo com a representação para depois restaurá-la: por um lado, Freud descobre no mito e na tragédia os índices de uma *essência subjetiva e abstrata da libido* que independe de qualquer objetidate determinada e extrapola qualquer representação; mas, por outro lado, a psicanálise contraria essa descoberta ao remeter a libido a sistemas de representações simbólicas de uma territorialidade privada marcada por Édipo, trindade pai-mãe-filho. Os autores questionam que a representação na psicanálise, quando devém subjetiva e infinita (ou seja, imaginária), perde toda a sua consistência, a não ser que remeta a uma estrutura, um déspota, uma Lei, que determine e ajeite as funções, objetivos, fins, fontes e interesses de cada objeto ou sujeito de desejo. Desse modo, o mecanismo da representação simbólica ajeita a falta no inconsciente impondo-lhe uma unidade estrutural que só pode valer por sua

própria ausência, “a estrutura só se forma e aparece em função do termo simbólico definido como falta” (Deleuze & Guattari, 2011, p. 409).

Tal descoberta de uma essência subjetiva e abstrata da libido no início de todas as representações é o que marca o nascimento da economia desejante em Freud. Economia desejante, porque diretamente entrelaçada com a economia política, devido ao fato que, para Deleuze e Guattari (2011), a aparição da natureza subjetiva do desejo abstraído como libido na psicanálise tem como correlato a aparição do trabalho subjetivo abstrato que surge com o capitalismo e é revelado pela economia política. Pois, assim como a psicanálise, o capitalismo também é indissociável de um processo de desterritorialização e reterritorialização: o trabalho subjetivo abstrato, atividade de produção em geral, só é descoberto para ser alienado em uma máquina repressiva, que opera com o elemento subjetivo da propriedade privada e condiciona os fluxos dos meios de produção e do trabalho (dito) livre, a “propriedade dos trabalhadores”, em uma axiomática social. O capitalismo nasce das ruínas das grandes territorialidades, despóticas, míticas ou trágicas, seus fluxos são descodificados e desterritorializados, mas sempre as restaura, as reterritorializa “pondo-as ao seu serviço a título de imagem do capital” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 400); tal como a psicanálise restaura Édipo através de seus fantasmas, imagens e projeções da família privatizada. O capitalismo captura as grandes objetidades em função da representação subjetiva (o capital) que interioriza seus próprios limites, cada vez mais ampliados, reproduzindo-os e deslocando-os também no território artificial da família:

o liame da psicanálise com o capitalismo não é apenas ideológico, mas infinitamente mais estreito e mais apertado; é que a psicanálise depende diretamente de um mecanismo econômico pelo qual fluxos descodificados do desejo, tal como são tomados pela axiomática do capitalismo, devem ser necessariamente assentados sobre um campo familiar

onde se efetua a aplicação dessa axiomática. (Deleuze; Guattari, 2011, p.413)

Sendo assim, o complexo de Édipo, quando levado ao ponto de autocrítica por Deleuze e Guattari (2011), muito antes de ser um sentimento infantil de filho neurótico, já é uma ideia de adulto paranóico, ou seja, os investimentos de um campo social são sempre primeiros em relação aos investimentos familiares. A família é o agente de aplicação ou de assentamento das codificações e axiomáticas de um campo social no qual pai, mãe e filho, imagens personalizadas, estão todos imersos. Pois, para os autores, o que restaria, enfim, neste inconsciente psicanalítico, seria todo um ”teatro íntimo e familiar, teatro do homem privado que já não é nem produção desejante nem representação objetiva”, mas uma “técnica de aplicação, da qual a economia política é a axiomática” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 401).

Nesse sentido, na sua tarefa destrutiva, a esquizoanálise deve desfazer, sucessivamente, todas “as territorialidades e as reterritorializações representativas pelas quais um sujeito passa na sua história individual”, destruir Édipo e todas suas ilusões, transformar o teatro em uma “fábrica” ou em uma “usina” para efetivamente atingir o funcionamento das máquinas desejantes (Deleuze; Guattari, 2011, p. 421). Vejamos como isso se efetiva a partir das tarefas positivas.

## 2. A PRIMEIRA TAREFA POSITIVA

A esquizoanálise, na sua primeira tarefa positiva, procura “descobrir num sujeito a natureza, a formação, ou o funcionamento das suas máquinas desejantes, independentemente de toda interpretação” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 426). Aqui, retorna-se a algumas questões: por que falar em máquina quando se trata de desejo? Como colocar o desejo enquanto máquina, já que

este não apenas funciona, mas também se forma e se autoproduz? Inspirados em Samuel Butler<sup>3</sup>, Deleuze e Guattari (2011), ao pensarem em máquinas desejantes, procuram romper tanto com o vitalismo, que invoca uma unidade individual e específica, quanto com o mecanicismo, que abstrai as máquinas a uma unidade estrutural para explicar seu funcionamento. Em esquemas vitalistas ou mecanicistas,

de uma maneira ou outra, observa-se que a máquina e o desejo permanecem numa relação extrínseca, seja porque o desejo aparece como um efeito determinado por um sistema de causas mecânicas, seja porque a própria máquina é tida como sistema de meios em função dos fins do desejo. (Deleuze; Guattari, 2011, p. 374)

As máquinas não devem ser pensadas enquanto um objeto único, meras *partes extra partes*, mas como uma “cidade ou uma sociedade”, com seus códigos e seus fluxos operantes, pois “encontramos pequenas máquinas dispersadas em toda máquina” e não só apenas um indivíduo unificado. A máquina, para os autores, quando devém tal qual um “ponto de dispersão, ponto de diferença”, faz surgir um liame direto entre ela e o desejo, já que “não é o desejo que está no sujeito, mas a máquina é que está no desejo”, ou então, “a máquina é desejante e o desejo é maquinado” (Deleuze & Guattari, 2011, p. 377). Nesse sentido, a verdadeira diferença não se passa entre a máquina e o ser vivo, ou entre vitalismo e mecanicismo, mas “entre dois estados da máquina que são também dois estados do ser vivo” (Deleuze;

---

<sup>3</sup> Deleuze e Guattari citam o “Livro Das Máquinas” que corresponde aos capítulos 23, 24 e 25 da obra *Erewhon* publicada anonimamente por Samuel Butler em 1872, escritor britânico contemporâneo de Darwin. Aqui, cito um pequeno trecho do "Livros das Máquinas": “Nós nos enganamos quando consideramos toda máquina complicada como uma única coisa; na verdade, é uma cidade ou sociedade, cada membro foi gerado a partir de sua espécie. Nós vemos uma máquina como um todo, chamamos-as por um nome e as individualizamos; nós olhamos aos nossos próprios membros, e sabemos que suas combinações formam um indivíduo que brota de um único centro de ação reprodutiva; nós, então, assumimos que não pode haver nenhuma ação reprodutiva que não surge de um único centro; mas essa suposição é acientífica” (BUTLER, p.299) (tradução nossa). No original: We are misled by considering any complicated machine as a single thing; in truth it is a city or society, each member of which was bred truly after its kind. We see a machine as a whole, we call it by a name and individualise it; we look at our own limbs, and know that the combination forms an individual which springs from a single centre of reproductive action; we therefore assume that there can be no reproductive action which does not arise from a single centre; but this assumption is unscientific.

Guattari, 2011, 377). E se, para os autores, não é por metáfora que o inconsciente da esquizoanálise diz respeito à física, onde “o corpo sem órgãos e suas intensidades são a própria matéria”, pode-se dizer que as máquinas possuem dois estados ou polos físicos: um molecular e outro molar. Ora, são as mesmas máquinas, não há diferença de natureza, mas uma diferença de regime, de relações de grandeza ou de usos de sínteses.

Por um lado, o *estado molar* se apresenta e se representa nos grandes conjuntos estatísticos, em escala microscópica, diz respeito às grandes formações gregárias, onde ocorrem os fenômenos de multidão ou de massa. As máquinas molares são aquelas que subordinam e capturam as moléculas para si em um movimento de unificação, estruturação, especificação e individualização; correlativamente, elas são as máquinas sociais, técnicas ou orgânicas que implicam condições determinadas para seu funcionamento, tais como: uma forma seletiva de gregarismo, uma territorialidade de suporte como *socius* (corpo da terra, corpo do despota, corpo do capital-dinheiro) e/ou a ereção de um significante despótico que as estrutura e unifica, ajeitando-as enquanto falta.

Por outro lado, a máquina em seu *estado molecular* abrange as singularidades e intensidades, em escala submicroscópica, onde as ligações se dão à distância e as conjunções são plurívocas. Elas são “máquinas propriamente ditas, porque procedem por cortes e fluxos, ondas associadas e partículas” (Deleuze & Guattari, 2011, p. 378). Suas peças ou elementos são os objetos parciais: micromoléculas não unificáveis ou não totalizáveis que emitem, cortam e recortam *fluxos-esquizas*, operando a partir do regime das sínteses passivas ou interações indiretas. São sínteses passivas que implicam um corpo sem órgãos, o “motor imóvel” ou a “molécula gigante”, sempre contrário a todo organismo e suas organizações, que pode repelir ou atrair os objetos parciais para si, como um “todo ao lado das partes”. O corpo sem órgãos e os objetos parciais, indiscerníveis do ponto de vista da esquizoanálise,

são reunidos e distribuídos em cadeias de signos de desejo *a-significante*, ou seja, cadeias que devém “mais um jargão do que uma linguagem” e não remetem a estrutura alguma, apenas fazem passar fluxos de desejo desterritorializados. Seus elementos em dispersão não remetem nem a uma “unidade perdida”, nem a uma “totalidade por vir”, as máquinas moleculares não são imaginárias, nem representativas: são como unidades de produção, de um inconsciente que se auto-produz (Deleuze; Guattari, 2011, p. 429).

Assim como as máquinas molares podem subordinar para si as moléculas desejantes, as máquinas moleculares possuem o potencial de fazer suas linhas de fuga atravessarem e implodirem os grandes conjuntos molares. A relação é de *disjunção inclusiva*, ou seja, toda formação molecular é investimento de formação molar e vice-versa. As máquinas moleculares não existem fora das máquinas sociais, biológicas ou orgânicas, assim como estas não se dão sem aquelas, num e outro sentido da subordinação. Sendo assim,

quando, num caso, estabelecemos um involuntário das máquinas sociais e técnicas e, no outro caso, um inconsciente das máquinas desejantes, trata-se de uma relação necessária entre forças inextricavelmente ligadas, sendo uma as forças elementares através das quais o inconsciente se produz, e outras as resultantes que reagem sobre as primeiras, conjuntos estatísticos através dos quais o inconsciente se representa, já sofrendo recalque e repressão das suas forças elementares produtivas. (Deleuze & Guattari, 2011, p. 374)

As máquinas moleculares são as próprias máquinas desejantes que “nada representam, nada significam, nada querem dizer, e são exatamente o que se faz delas, aquilo que se faz com elas, o que elas fazem em si mesmas” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 379). Os autores acusam a psicanálise de permanecer prisioneira de uma representação molar, antropomórfica e falocêntrica da sexualidade. Se, para Freud, a libido deve ser dessexualizada e sublimada para retornar como patologias e poder investir no campo social,

para Deleuze e Guattari (2011, p. 386), a sexualidade, enquanto máquinas desejantes atuantes nas máquinas sociais, está em toda parte: “na maneira como um burocrata acaricia os seus dossiês, como um juiz distribui justiça, como um homem de negócios faz circular o dinheiro, com a burguesia enraba o proletariado, etc.” A psicanálise, com a sua representação antropomórfica, reduz a sexualidade à um sexo humano identificado e, mais ainda, supõe que há apenas dois sexos (feminino ou masculino), ou então, com a representação falocêntrica, faz com que houvesse apenas um: o sexo masculino, já que a posição da mulher foi definida como uma falta ou ausência em relação a esse outro. Entretanto, apontam Deleuze e Guattari (2011, p. 385), o desejo molecular não comporta nem objetivos, nem fins, nem interesse, ele ignora a castração e a falta: “não tem pessoas ou coisas como objeto, mas meios inteiros que ele percorre, vibrações e fluxos de qualquer natureza”. As máquinas desejantes são o “sexo não humano: não um, nem mesmo dois, mas *n* sexos”, e é apenas em relação ao estado molar que o desejo aparece como falta e é organizado enquanto falta, já que nada falta aos objetos parciais, “multiplicidades livres, conjunções nômades: uma transexualidade microscópica em toda parte” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 390).

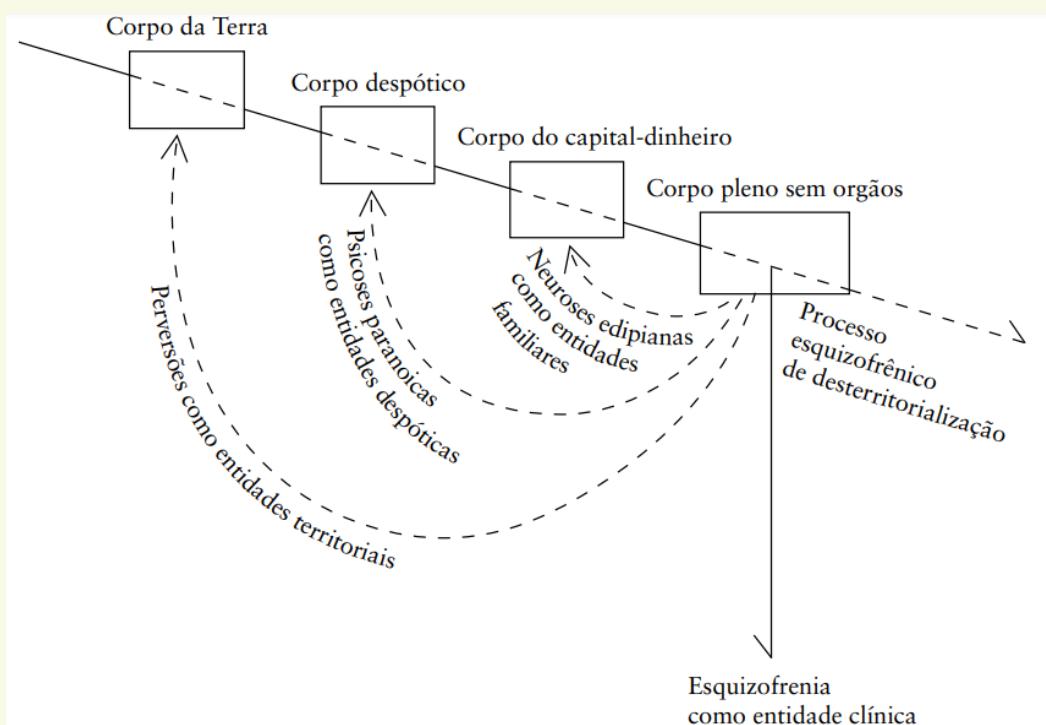
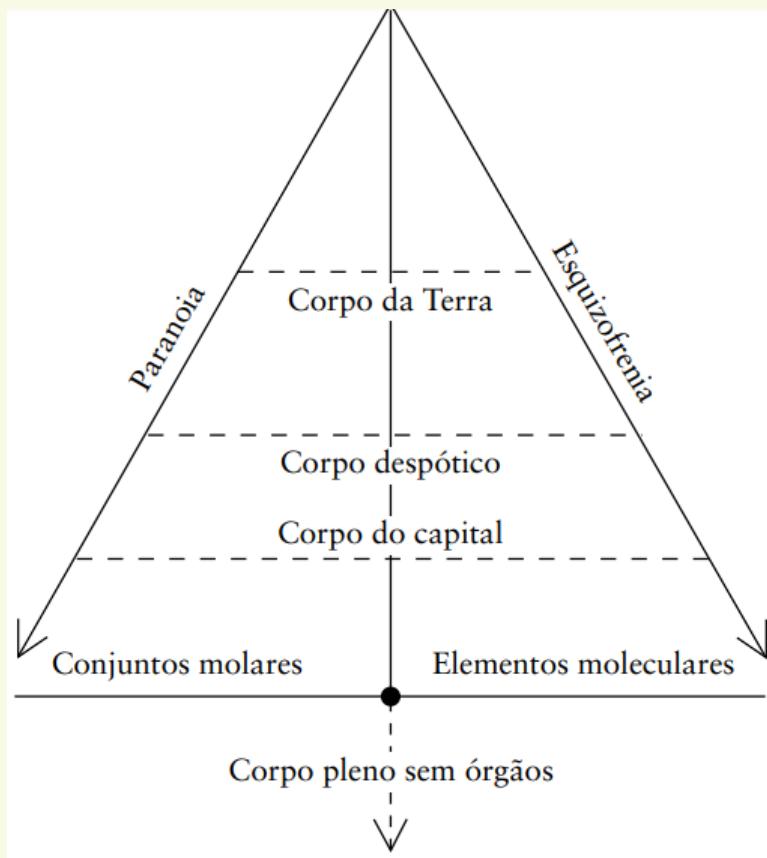
No caso do esquitoanalista, as máquinas desejantes são alcançadas apenas a partir de um “limiar de dispersão”, onde são desfeitas todas as identidades imaginárias e as unidades estruturais que comportam o sujeito. (Deleuze; Guattari, 2011, p. 427). Desse modo, a primeira tarefa da esquitoanalise procura positivar o desejo molecular operante nas máquinas. Pois nas máquinas desejantes, até mesmo suas falhas tornam-se funcionais, e a função do esquitoanalista, esse “micromecânico”, é a de assegurar esse funcionamento, pois,

em cada caso, trata-se de saber quais são as máquinas desejantes de alguém, como elas funcionam, com que sínteses, com que entusiasmos, com que falhas constitutivas,

com que fluxos, com que cadeias, com que devires. Do mesmo modo, esta tarefa positiva não pode separar-se das destruições indispensáveis, da destruição dos conjuntos molares, estruturas e representações que impedem a máquina de funcionar. Não é fácil encontrar as moléculas, mesmo que se trate da molécula gigante, os seus caminhos, suas zonas de presença e suas sínteses próprias, através dos grandes amontoados que preenchem o pré-consciente, e que delegam seus representantes ao próprio inconsciente, imobilizando as máquinas, fazendo-as calar, cativando-as, sabotando-as, sujeitando-as, retendo-as. Não são as linhas de pressão do inconsciente que contam mas, ao contrário, suas linhas de fuga. (Deleuze; Guattari, 2011, p. 449)

### 3. A SEGUNDA TAREFA POSITIVA

Finalmente, a segunda tarefa positiva da esquizoanálise consiste em atingir os investimentos de desejos inconscientes do campo social. Para Deleuze e Guattari (2001, p. 362), todo delírio, sendo a "matriz geral de todo investimento inconsciente" é, primeiramente, "investimento de um campo social, econômico, político, cultural, pedagógico e religioso, racial e racista". Sendo assim, distinguem-se dois tipos de investimentos sociais que correspondem às duas faces do corpo sem órgãos ou aos dois estados das máquinas (molar/molecular): um é o *investimento paranoico* de caráter fascizizante e reacionário, e o outro é o *investimento esquizofrênico* de tendências revolucionárias. Os investimentos sociais se reportam necessariamente ao próprio *socius* enquanto corpo pleno, nesse caso sobre o corpo pleno do capital-dinheiro, mas eles operam *no* próprio corpo sem órgãos, em seu "estado puro". Os autores utilizam diagramas para expressar esses movimentos:



4

<sup>4</sup> Os diagramas foram retirados das páginas 373 e 374 e são explicitados no texto da seguinte maneira: "Do ponto de vista de uma clínica universal, a paranoia e esquizofrenia podem ser apresentadas como dois bordos de amplitude de um pêndulo que oscila em torno da posição de um *socius* como corpo pleno e, no limite, de um corpo sem órgãos do qual uma face está ocupada pelos conjuntos molares, enquanto a outra está povoada de elementos moleculares. Mas é também possível situar numa única linha a sequência de dos diferentes *socius*, seu plano e seus grandes conjuntos; sobre cada um desses

Os propósitos de Deleuze e Guattari (2011), ao apropriarem-se dos conceitos da psicanálise de esquizofrenia e paranóia, são de extrapolar seus sentidos usuais enquanto entidades clínicas e fazê-los incidir diretamente no campo social. O paranóico é aquele que organiza as massas e matilhas, artista dos grandes conjuntos molares e das formas coloniais dos conjuntos gregários, ele faz macrofísica. Já o polo esquizofrênico é nomádico, plurívoco, e revolucionário ao seguir as linhas de fuga do desejo molecular, ao montar suas máquinas na periferia, nas margens. Pois, não é o esquizofrênico que é revolucionário, mas sim, o processo esquizofrênico que é o “potencial da revolução”, ao fazer fugir<sup>5</sup> o social através de suas linhas de fugas e fluxos-esquizes. Um é investimento de *grupo sujeitado* nas suas formas de soberania e de segregação, que reprime e recalca a produção desejante. O outro é investimento de *grupo sujeito* nas suas multiplicidades transversais, ao fazer o desejo “penetrar no campo social, subordinar o *socius* ou a forma de potência à produção desejante” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 462). Entretanto, as distinções entre grupo sujeito e grupo sujeitado se complexificam e oscilam, visto que uma mesma pessoa ou um mesmo grupo pode participar desses dois investimentos ao mesmo tempo, segundo relações diversas,

---

planos, uma dimensão paranoica, uma outra perversa, um tipo de posição familiar e, em pontilhado, uma linha de fuga ou de abertura esquizóide. A grande linha chega ao corpo sem órgãos e aí ou passa o muro e desemboca nos elementos moleculares onde ela devém a verdade o que já era desde o início, processo esquizofrênico de desterritorialização, ou ela emperra e recai nas territorialidades mais miseráveis do mundo moderno, de modo a grudar-se no conjunto asilar da paranóia e da esquizofrenia como entidades clínicas, nos conjuntos ou sociedades artificiais instaurados pela perversão, no conjunto familiar das neuroses edipianas.”

<sup>5</sup> Sobre a relação da fuga com a revolução, Deleuze e Guattari (2011, p. 453) citam o livro de Maurice Blanchot, *L'Amitié*, “Que é esta fuga? A palavra é mal escolhida para agradar. Entretanto, a coragem está em aceitar fugir em vez de viver quieta e hipocritamente em falsos refúgios. Os valores, as morais, as pátrias, as religiões e essas certezas privadas que nossa vaidade e a nossa complacência para conosco generosamente nos outorgam, são outras tantas moradas enganadoras que o mundo arranja para aqueles que pensam manter-se firmes e em repouso entre as coisas estáveis. Eles nada sabem dessa imensa ruína para a qual vão indo, ignorantes de si mesmos, no monótono burburinho dos seus passos cada vez mais rápidos que os levam impessoalmente num grande movimento imóvel. Fuga perante a fuga. [Seja um desses homens] que, tendo tido a revelação da deriva misteriosa, já não suportam viver nessas falsas moradas. De início, ele tenta apoderar-se do movimento por sua própria conta. Pessoalmente, ele queria se afastar. Ele vive à margem... [Mas] talvez a queda seja isso, que ela já não possa ser um destino pessoal, mas a sorte de cada um em todos”

é comum a passagem de um tipo de grupo a outro. Por ruptura, grupos sujeitos derivam de grupos sujeitados: eles fazem passar o desejo e o recortam sempre mais adiante, transpõem o limite, reportando as máquinas sociais às forças elementares do desejo que as formam. Mas, inversamente, é também comum que eles voltem a se fechar, a se remodelar à imagem dos grupos sujeitados: restabelecendo limites interiores, voltando a dar forma a um grande corte, de modo que os fluxos não passarão (Deleuze; Guattari, 2011, p. 462)

Uma das teses da esquitoanálise é, nos investimentos sociais, distinguir os investimentos inconscientes libidinais (que correspondem aos investimentos paranoicos ou revolucionários), dos investimentos pré-conscientes de classe ou de interesse. Os investimentos pré-conscientes de interesse são caracterizados por grandes objetivos, órgãos e meios do *socius*, com suas formas de potência e soberania que subordinam para si a produção desejante. Eles vêm sempre a seguir da libido inconsciente que não incide nos regimes exclusivos das sínteses sociais, mas sobre a “natureza dos códigos e fluxos” que as condicionam e as originam.

Entretanto, os dois tipos de investimentos não necessariamente coincidem: um grupo pode operar um corte revolucionário do ponto de vista pré-consciente de seu interesse de classe e promover um novo *socius* com novos objetivos, mas, do ponto de vista dos investimentos libidinais inconscientes, conservar investimentos reacionários e reformistas de um antigo corpo ou de um antigo código. Ou ainda, um investimento inconsciente libidinal do campo social pode incidir em um investimento pré-consciente e fazer com que os mais explorados busquem seus interesses e objetivos na própria máquina que os explora. Deleuze e Guattari (2011) criticam certos usos do conceito de ideologia para explicar esses fenômenos complexos, pois, trata-se antes, de investimentos do desejo em uma economia libidinal: as massas não foram simplesmente enganadas, elas desejaram o fascismo. Um grupo só seria verdadeiramente grupo sujeito se o corte

revolucionário se desse também através dos investimentos inconscientes, quando o corte incidisse sobre o próprio *socius* e remetesse à produção desejante como forma de potência ou de soberania subvertida; pois, para os autores, a revolução não se faz por interesse, mas sim por desejo. Entretanto, visto tais complicações e levando em conta que o desejo e o interesse estão emaranhados, a esquizoanálise só pode dispor de índices maquinícios que as máquinas *desejantes* emitem.

Do ponto de vista da esquizoanálise, a máquina artística e a máquina científica desempenham um papel importante na máquina revolucionária, pois, apesar de serem constantemente reconduzidas às axiomáticas capitalistas e transformadas em valor mercantil, dispõem de potenciais esquizofrênicos das máquinas desejantes, devêm peças e pedaços uma das outras, fazendo penetrar seus “fluxos cada vez mais descodificados e desterritorializados, sensíveis a todo mundo, que forçam a axiomática social a complicar-se cada vez mais” (Deleuze & Guattari, 2011, p. 502). Trata-se de abrir-se a um processo esquizofrênico, uma experimentação com efeitos ainda desconhecidos, que “impulsiona os simulacros ao ponto em que deixam de ser imagens artificiais para devir índices da nova terra” (Deleuze; Guattari, 2011, p.426); uma terra que se cria ao longo de sua desterritorialização, de seu deslocamento, sem metas ou fins previamente estabelecidos. Pois, se as três tarefas da esquizoanálise devem ser conduzidas simultaneamente, é porque “é *ao mesmo tempo* que o processo se liberta” (Deleuze & Guattari, 2011, p. 505, grifo nosso), processo esquizofrênico e molecular que se pretende revolucionário e é composto pelas suas destruições e positivações necessárias que definem seu caráter mecânico e funcional, de modo que,

a tarefa da esquizoanálise é, *finalmente*, descobrir em cada caso a natureza dos investimentos libidinais do campo social, seus conflitos possíveis interiores, suas relações com os investimentos pré-conscientes do mesmo campo, seus possíveis conflitos com estes, em suma, o jogo todo das

máquinas desejantes e da repressão de desejo. (Deleuze; Guattari, 2011, p. 505, grifo nosso)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, como que explorando uma “caixa de ferramentas”<sup>6</sup>, encontramos *O Anti-Édipo* em uma data comemorativa, 50 anos após sua primeira publicação, figurando uma espécie de *máquina*, tanto filosófica quanto literária. Uma *máquina* que ainda funciona, que range e que falha, que já se encaixou e desencaixou em outras máquinas, que fez passar e cortou fluxos - ainda que demasiadamente performativos - impulsionando tais movimentos desterritorializantes que os autores simularam como horizonte desta obra.

\* \* \*

## Referências

- BUTLER, Samuel. **Erewhon or Over the Range.** Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=5255](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=5255)> . Acesso em: 20 jan 2022.
- DELEUZE, Gilles; LAPOUJADE, David (Org). **Cartas e outros textos.** São Paulo: N-1 Edições, 2018.
- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1.** Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2011.

---

<sup>6</sup> Fazemos referência a um diálogo entre Michel Foucault e Deleuze, intitulado “Os Intelectuais e o Poder”, em que Deleuze afirma: “uma teoria é uma caixa de ferramentas. Nada tem a ver com o significante. É preciso que sirva, é preciso que funcione. E não para si mesma. Se não há pessoas para utilizá-la, a começar pelo próprio teórico que deixa então de ser teórico, é que ela não vale nada ou que o momento ainda não chegou. Não se refaz uma teoria, fazem-se outras; há outras a serem feitas. É curioso que seja um autor que é considerado um puro intelectual, Proust, que o tenha dito tão claramente: tratem meus livros como óculos dirigidos para fora e se eles não lhe servem, consigam outros, encontrem vocês mesmos seu instrumento, que é forçosamente um instrumento de combate. A teoria não totaliza; a teoria se multiplica e multiplica”. (FOUCAULT; DELEUZE, 1979, p. 71).

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2 (vol.1)*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.

DOSSE, François. **Gilles Deleuze & Félix Guattari: Biografias Cruzadas**. Tradução Fatima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FOUCAULT, Michel. Os intelectuais e o poder: conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze. In: MACHADO, Roberto (org.). **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HUR, Domênico Uhng; VIANA, Douglas Alves. **Práticas grupais na esquizoanálise: cartografia, oficina e esquizodrama**. Arq. bras. psicol., Rio de Janeiro, v. 68, n. 1, p. 111-125, abr. 2016.

ROLNIK, Suely. **Esquizoanálise e Antropofagia**. In: ALLIEZ, Eric. (org.) *Gilles Deleuze: Uma vida filosófica*. São Paulo: Editora 34, 2000, p. 451-462.

Recebido 07/05/2022

Aprovado 13/10/2022

Licença CC BY-NC 4.0

